

Capoeira me chamou¹

Lucas FRANÇA²

José Carlos FERNANDES³

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

O produto apresentado nasceu de uma experiência jornalística no cotidiano de uma academia de capoeira. A partir dessa imersão, foi confeccionado um livro de crônicas, gênero literário pouco explorado nos cursos de Jornalismo, apesar de sua longa tradição na vida brasileira. Além de se sujeitar a uma iniciação como capoeirista, condição para produzir o livro *Capoeira me chamou*, o autor se debruçou sobre a cultura afro e pesquisou jornalismo literário – aqui praticado na sua forma híbrida: reportagem convertida em texto de opinião.

PALAVRAS-CHAVE: crônica; capoeira; cultura brasileira; jornalismo literário.

1. INTRODUÇÃO

A capoeira está colada à História do Brasil e oferece um ângulo especial para olhar os fatos do passado. Bem poderia render um livro-reportagem de jornalismo histórico. Optou-se, contudo, por destacar o espírito dessa cultura, passando por ela. Um livro de crônicas pareceu o melhor caminho para tanto. Em paralelo, se presta a ampliar o conhecimento sobre essa expressão corporal. Cultura e história, portanto, aqui se mesclam.

Uma das referências para o trabalho foi o ensaio fotográfico *Out of Nowhere*, de Miguel Rio Branco, no qual retrata uma decadente academia de boxe no bairro da Lapa, na cidade do Rio de Janeiro. Rio Branco observa o homem que dirige a academia, os alunos, a estrutura física. A obra se tornou um clássico da fotografia brasileira.

O local escolhido para a imersão foi a Academia de Capoeira Angola Dobrada, situada na Rua Presidente Faria, número 372, no Centro Velho de Curitiba. Um ambiente modesto, mas rico culturalmente, que ensina o estilo angola – aquele que defende o resgate das tradições africanas. Nesse contexto, então, buscou-se a aproximação com a reportagem

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em Jornalismo Literário e/ou Opinião.

² Aluno líder do grupo e estudante do 9º. Semestre do Curso Comunicação Social - Jornalismo, email: lucaswfranca@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social, email: josecarlosfernandes@terra.com.br.

por meio de um gênero pessoal e ligeiro, como a crônica, que abre inúmeras possibilidades de captação do sentido e do cotidiano expressos na vida dos praticantes de capoeira em Curitiba. Eis o questionamento e a aventura a que se propõe esse trabalho.

2. OBJETIVO

Este trabalho, fruto da união de pesquisa bibliográfica e de observação participante, quer valorizar a capoeira como cultura brasileira, e tem como objetivos: a) observar a prática da capoeira e suas relações com demais aspectos da cultura afro-brasileira; b) pesquisar as relações mestre-aprendiz, a partir do diálogo e do compartilhamento de experiências; c) lançar novos olhares e ampliar o entendimento sobre a capoeira como exercício benéfico à saúde, mente e corpo (semelhante ao que se espera da ioga), e às relações sociais presente na vida dos praticantes; d) apresentar em crônicas, reunidas em um livro, deixando uma contribuição bibliográfica à cultura afro-brasileira.

3. JUSTIFICATIVA

A crônica produzida no país é ímpar diante da produzida em outros países – apenas em Portugal se escreve crônicas com características semelhantes às daqui, de cunho jornalístico e com sutil viés literário. A tradição da crônica no Brasil é motivo o bastante para estudá-la, levantando que características desenvolveu em mais de um século de popularidade nos jornais e revistas (MELO, 2005).

Quanto à capoeira, presta-se à crônica por sua plasticidade, por seus enlaces com outras facetas da cultura afro-brasileira. É tema inesgotável de alternativas para o olhar peculiar do cronista. Deve-se destacar o ineditismo do assunto, pouco usual em Trabalhos de Conclusão de Curso.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para a elaboração das crônicas editadas no livro *Capoeira me chamou* foi utilizada a técnica de observação participante ou, no jargão jornalístico, técnica de imersão.

As visitas à academia de capoeira se deram, basicamente, no campo da observação, por dois motivos: a) sendo a roda de capoeira um ritual, a conversa e o diálogo seriam

elementos que atrapalhariam o andamento do jogo; b) pela dificuldade de maior aproximação com o grupo (contramestre e alunos). Poucas crônicas nascem de conversas provocadas, de entrevistas marcadas. Fui visitá-los preparado, mesmo, para observar.

Ao transcorrer das visitas, a posição de observador perante o jogo e o ambiente mudou. De observador-passivo, interagindo apenas nos momentos entre as aulas, passou para observador, de fato, participante, quando o autor começou a praticar capoeira com o grupo.

São essas observações ativas, impressões, registros, percepções, que, combinadas com estilo de escrita da crônica, embasam os textos presentes no livro apresentado.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Para essa pesquisa, a primeira decisão tomada foi escolher o formato em que o produto seria apresentado: um livro. A princípio seria um livro-reportagem sobre capoeira, mas logo se percebeu que nunca havia sido feito em nossa instituição um trabalho de conclusão de curso no suporte livro, que tratasse de determinado tema a partir da crônica.

O formato adotado foi o de livro de crônicas, pois não houve condições de estabelecer uma produção contínua a ser publicada em algum jornal diário. Vários cronistas tiveram sua produção reunida sob a forma de livro, “atravessando o tempo, continuando a despertar o fascínio dos leitores” (MELO, 1994, p. 159).

Determinados o assunto e o formato, foram utilizados os dados do livro *Curitiba entra na roda: presença(s) e memória(s) da capoeira na capital paranaense* (PORTO et al., 2010) para definir quais os locais de ensino que a serem visitados.

Verificada a dificuldade da logística de visitar as academias mais distantes e sabendo que apenas uma visita em cada seria pouco para observar a capoeira, e tudo que a cerca, definiu-se por frequentar apenas uma academia. E foi escolhida por localizar-se em uma área degradada do centro de Curitiba – está rodeada de bares decadentes, pontos de venda de drogas, prostituição, igrejas, lojas de antiguidades, além de ser uma rua por onde passa um dos barulhento ônibus biarticulados.

Escolheu-se, por sua simplicidade e recusa de modismos, a Academia de Capoeira Angola Dobrada, número 372 da Rua Presidente Faria, Centro Velho, que fica entre o Passeio Público e o prédio histórico da UFPR. Sua localização geográfica coloca a capoeira em contínua relação e contato com a cidade e sua população, e era essa experiência que pretendeu-se de vivenciar.

Estabeleceu-se, então, um roteiro, com visitas à academia em diferentes horários de aula, bem como às rodas abertas que acontecem toda quinta-feira, e as que acontecem em espaços abertos – Praça Generoso Marques, Largo da Ordem, Rua XV de Novembro, por exemplo. Manteve-se a média de três visitas semanais ao local de ensino, além de acompanhar as rodas abertas.

Quanto à parte gráfica do livro, estabeleceu-se um projeto em que os elementos escolhidos conversassem entre si, buscando os propósitos de descontração e dinamicidade, característicos do tema e do gênero de texto escolhido. O formato retrato e a medida 21 x 14 cm foram assim determinados com a intenção de ser um livro de fácil manuseio e transporte, pois textos curtos podem ser lidos em quaisquer circunstâncias. Há, ainda, uma opinião pessoal do autor de que um livro menor e mais alongado seja, esteticamente, mais compatível com crônicas. Na parte interna, optou-se por uma diagramação arejada, com uso de espaços em branco para criar momentos de descanso na leitura. Há, também, pequenas ilustrações no canto das páginas mostrando um capoeirista executando uma sequência de movimentos. Esses desenhos – feitos a punho por este autor – estão ordenados de forma que se crie uma animação quando o leitor folhear o livro. Foi a maneira encontrada de trazer movimento – primordial na capoeira – para o meio físico do produto final.

6 CONSIDERAÇÕES

Mais do que um discurso sobre a capoeira, esse projeto nasceu com a intenção de experimentá-la, daí a decisão de reportar na forma de crônicas, um gênero vivo e ativo por excelência. No início da pesquisa, foram indicadas algumas situações principais que se pretendeu verificar em sua prática diária – se há um ensino além do jogo, que inclua outros elementos da cultura africana; se existe o entendimento de que a *malandragem* não faz parte, apenas, do estilo de jogo, e sim de um entendimento mais amplo, de uma filosofia do capoeirista. Esses tópicos foram confirmados durante o período de visitas e serviram para dar ao autor uma base diferente acerca da cultura, ampliando o conhecimento adquirido na pesquisa bibliográfica, possibilitando ao autor lançar diferentes olhares sobre o jogo através das lentes da crônica.

A escolha pela observação participante – ou “imersão jornalística”, que inclui conversas, observação, vivência da cultura com o grupo – foi fundamental na busca dos

elementos secundários, das peculiaridades que seriam abordadas nas crônicas, imprescindíveis para uma compreensão mais profunda da capoeira.

O presente projeto aponta que a capoeira é uma cultura consolidada; o que não significa, porém, que é 100% aceita, ou que haja multidões de capoeiristas em todas as cidades do Brasil. Consolidada, tem fundamentos e estruturas de ensino e perpetuação das tradições bem fixadas. Consolidada, também, dentre os seus praticantes, sempre fiéis e apaixonados pela cultura.

Aprende-se desta pesquisa, ainda, que a capoeira não é uma só – e não se está falando das escolas ou das vertentes, como Angola e Regional. Independente disso, a capoeira incorpora traços de cada cidade em que tem instalações, e dentro de cada cidade, molda-se de acordo com cada escola, com cada mestre. Tem característica de camaleão.

Essas percepções só foram possíveis pela escolha da crônica como produto – é contemporânea, cujas raízes estão na história e na literatura (MELO, 2005) - e da observação participante como técnica de pesquisa, pois o tema em questão não é fechado e nem objetivo. O gênero crônica mostrou-se capaz, não só de tratar o cotidiano com leveza, mas também de se abrir à informação, ao aparecimento de pautas, à possibilidade de misturar-se à reportagem (COELHO, 2002).

Marcelo Coelho (2002)⁴ aponta para essa questão quando constata que a crônica sobre o nada está desaparecendo, e a cada dia se aproximando mais, e se relacionando mais, com o corpo do jornal, com as notícias, com as reportagens. O autor levanta, ainda, que as crônicas podem ser fontes de pautas para reportagens, podem ser textos híbridos – crônica-reportagem, ou uma crônica informativa – ou, então, atuarem como propagadores de assuntos, assumindo o papel das *suítes*⁵.

A capoeira está em constante progressão, vale-se do cotidiano e da interação de duas pessoas distintas para acontecer. É, de fato, uma cultura cheia de subjetividades, de leitura de situações, não tem uma métrica única, e por isso, também, é chamada de jogo. E, nesse caso, encaixa perfeitamente com a proposta do gênero crônica que, calcado na observação, atenta para os detalhes, para o despercebido, para o não convencional (SÁ, 1999), e com a imersão, que me possibilitou vivenciar a cultura.

⁴ No capítulo “Notícias sobre a crônica”, p. 155, texto integrante do livro *Jornalismo e Literatura*.

⁵ Do jargão jornalístico, textos que retomam assuntos ou debates feitos em matérias passadas.

A partir desse trabalho, por fim, abrem-se inúmeras possibilidades de pesquisa. Citam-se três: como a capoeira pode auxiliar, com suas rodas em praças e locais públicos, em uma retomada do uso de espaços públicos hostis, evitados pela população? De que maneira o ensino da capoeira em escolas primárias pode fazer diminuir o preconceito, sobre os negros e sobre a cultura, nas gerações mais novas? Ou ainda, tomando como base a definição de Alberto Mussa para a capoeira do Rio de Janeiro (MUSSA, 2011), como sendo uma “tática de guerra”, qual seria a melhor definição, no caso da capoeira praticada em Curitiba? São questionamentos que apareceram durante o processo de elaboração, mas que não encaixariam no recorte a que esse trabalho se propôs.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, Marcelo. **Notícias sobre a crônica**. In *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. 2ª ed. São Paulo: Escrituras Editora. 2005.

MELO, José Marques de. **A Opinião no jornalismo brasileiro**. 2ª ed. rev. Petrópolis: Editora Vozes. 1994.

_____. **A Crônica**. In *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. 2ª ed. São Paulo: Escrituras Editora. 2005.

MUSSA, A. **O senhor do lado esquerdo**. São Paulo: Record, 2011.

PORTO, Liliana. NOVICKI, Miguel. MASCARELLO, Magda Luiza. GUIDES, Ariana. **Curitiba entra na roda: presença(s) e memória(s) da capoeira na capital paranaense**. Curitiba: edição do autor. 2010.

SÁ, Jorge de. **A Crônica**. São Paulo: Editora Ática. 6ª edição. 1999.